

RITUAIS DE SABEDORIA FEMININA: ORIENTAÇÃO E ESCRITA ACADÊMICA NA PERSPECTIVA DE DEBORA DINIZ

Yasmin Lyra Sousa¹

DINIZ, Debora. **Carta de uma Orientadora**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

228

O livro "*Carta de uma Orientadora*" de Debora Diniz, publicado em 2024, aborda o processo de orientação acadêmica, em particular no contexto da escrita e pesquisa, através de uma narrativa epistolar, que visa ser uma conversa íntima entre a orientadora e a orientanda. Diniz explora a relação de poder e conhecimento entre essas figuras, destacando a importância da escuta, do cuidado e da coletividade no ambiente acadêmico. A autora tece sua experiência pessoal com observações antropológicas sobre o "ritual" da orientação, enfatizando o papel da escrita acadêmica como um processo colaborativo e transformador. A obra oferece uma visão feminista e antropológica da orientação, tocando em questões como a desigualdade de gênero na academia, as relações de poder e a ética no processo de pesquisa. A orientação, segundo Diniz, deve ser um espaço de acolhimento e crescimento mútuo, onde a orientadora é mais uma "acompanhante" do que uma autoridade rígida.

Debora transforma o processo de orientação acadêmica em uma experiência colaborativa e rica em aprendizado mútuo, trazendo à tona discussões sobre o papel da orientadora e da orientanda dentro da academia. A obra, publicada em formato epistolar, convida os leitores a refletirem sobre a jornada de pesquisa e escrita, e o impacto profundo que essas relações têm na formação intelectual e emocional de ambas as partes. Não se trata apenas de um guia técnico, mas de um manifesto sobre o poder da colaboração, sensibilidade e da luta por um espaço acadêmico mais inclusivo e democrático.

Diniz descreve a orientação acadêmica como um "ritual", no qual práticas como encontros e trocas de ideias se repetem e são continuamente recriadas com base nas particularidades de cada relação. Como uma antropóloga, ela enxerga esse processo como uma cerimônia de hospitalidade e aprendizado mútuo, onde orientadoras e orientandas se conectam

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Email: Ylyras@aluno.uespi.br

em uma troca constante de saberes e experiências. Segundo Diniz, “a orientação é uma relação de hospitalidade e aprendizado mútuos” (Diniz, 2024, p. 17). Essa frase resume a essência da abordagem da autora, que vê na orientação não apenas uma troca de conhecimento técnico, mas também uma profunda interação emocional e humana.

A repetição de práticas e o compartilhamento de experiências são fundamentais para o desenvolvimento de uma relação acadêmica sólida. Diniz enfatiza que esse ritual vai além do tradicional processo pedagógico e se transforma em uma jornada de descoberta coletiva, onde tanto a orientadora quanto a orientanda se desenvolvem juntas. A autora também salienta a importância de cultivar o ambiente acadêmico como um espaço de hospitalidade, onde as diferenças e os desafios são reconhecidos e respeitados, criando uma atmosfera de confiança e respeito mútuo.

Um dos pontos mais fortes de *Carta de uma Orientadora* é a crítica de Diniz às dinâmicas de poder tradicionais dentro da academia, que frequentemente marginalizam as vozes femininas e não-hegemônicas. Ao defender uma prática feminista na orientação, a autora sugere que o trabalho acadêmico precisa ser desconstruído em seus aspectos hierárquicos para se tornar mais inclusivo e colaborativo. Diniz faz uma crítica direta às relações de poder e sugere que a orientação deve ser uma prática de cumplicidade entre orientadora e orientanda, uma aliança contra as estruturas de poder opressivas na academia: “É preciso que orientadoras e orientandas se reconheçam como cúmplices na luta por um espaço acadêmico mais inclusivo e democrático” (Diniz, 2024, p. 42).

A autora ressalta que, ao adotar uma perspectiva feminista, a orientação acadêmica se torna uma prática política, onde as orientadoras devem estar atentas às questões de gênero, raça e classe que permeiam o ambiente universitário. Diniz propõe que a relação de orientação deve ser pautada pela equidade de gênero e pela valorização da diversidade, desafiando os padrões normativos e promovendo uma cultura de inclusão e respeito dentro das universidades. Nesse sentido, a carta é um manifesto não apenas sobre a prática da pesquisa, mas também sobre a necessidade de transformar a academia em um espaço mais justo e democrático.

Diniz utiliza a metáfora do bordado para descrever o processo de escrita acadêmica, sugerindo que, assim como no bordado, a escrita é uma atividade que exige paciência, criatividade e atenção aos detalhes: "A escrita é como o bordado, feita de pequenas costuras, paciência e criatividade coletiva" (Diniz, 2024, p. 59). A escolha dessa analogia reflete a visão da autora de que a produção acadêmica é um processo artesanal, onde cada palavra, cada ideia, deve ser cuidadosamente costurada e conectada ao todo.

Essa metáfora também reforça a ideia de que a escrita acadêmica é uma atividade colaborativa. Diniz destaca que a construção de um texto não é um processo solitário, mas sim uma prática que envolve trocas constantes entre orientadora, orientanda e o coletivo de pesquisadores. O bordado é uma representação de como cada pesquisa é construída de maneira singular, mas sempre em diálogo com outras produções acadêmicas e com o suporte da comunidade de pesquisa.

Debora Diniz não hesita em abordar temas delicados como o abuso de poder nas relações de orientação acadêmica. A autora alerta para as consequências da má conduta acadêmica, incluindo discriminação e plágio. Ela reconhece que, embora a orientação deva ser um espaço de apoio e crescimento, muitas vezes essa relação é desvirtuada por dinâmicas opressivas de poder.

A professora sugere que a luta por um ambiente acadêmico ético e seguro deve começar com a criação de relações baseadas em confiança e respeito. Diniz critica o modelo de orientação baseado no controle e na posse do trabalho do orientando, propondo um modelo mais colaborativo e ético, onde a produção acadêmica é compartilhada e o conhecimento é produzido coletivamente. "Uma relação de orientação não é de posse, domínio ou propriedade – é uma relação de ensino, troca, aprendizado mútuo, hospitalidade e ternura" (Diniz, 2024, p. 89).

Diniz faz um apelo para que as instituições acadêmicas adotem políticas mais rigorosas contra o abuso de poder, garantindo que as relações de orientação sejam pautadas pela ética e pelo respeito. Para ela, é fundamental que os orientadores estejam atentos a qualquer sinal de abuso e que se comprometam a criar um ambiente seguro e acolhedor para seus orientandos.

Além de ser uma obra reflexiva e crítica, *Carta de uma Orientadora* também oferece conselhos práticos sobre o processo de pesquisa e escrita acadêmica. Diniz sugere o uso de ferramentas digitais, como gerenciadores de bibliografia e aplicativos de escrita colaborativa, para facilitar a organização e a produtividade dos pesquisadores. No entanto, ela sempre ressalta a importância de contextualizar essas ferramentas dentro de uma visão ética e crítica do trabalho acadêmico.

Ao discutir o uso de ferramentas digitais, Diniz também menciona os desafios éticos que surgem com o avanço da inteligência artificial na academia. Ela alerta para os perigos do uso indiscriminado dessas tecnologias, que podem reforçar desigualdades e promover práticas antiéticas, como o plágio. Assim, a autora propõe que o uso dessas ferramentas seja sempre acompanhado de uma reflexão ética sobre suas implicações para o trabalho acadêmico e para a comunidade científica.

Carta de uma Orientadora é uma obra essencial para quem deseja compreender a dinâmica da orientação acadêmica a partir de uma perspectiva feminista e antropológica. Ao explorar temas como hospitalidade, equidade de gênero, abuso de poder e colaboração, Debora Diniz nos oferece uma reflexão profunda sobre o papel da orientação na formação acadêmica e sobre a importância de criar um ambiente mais justo e inclusivo dentro das universidades.

Com sua escrita envolvente e acessível, Diniz nos guia por uma jornada de aprendizado coletivo, onde a relação entre orientadora e orientanda é vista como uma oportunidade de transformação mútua. Mais do que um manual técnico, o livro é um convite para repensar as práticas acadêmicas e para construir uma nova ética nas relações acadêmicas, pautada pelo respeito, pela sensibilidade e pela colaboração.